



**A CARTILHA NACIONAL (1880): PERMANÊNCIAS E RUPTURAS COM OS
MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL NO SÉCULO XIX**

Zeneide Paiva Pereira Vieira¹

INTRODUÇÃO

Ao analisar algumas cartilhas antigas bastante utilizadas por alfabetizadores - em pesquisa realizada junto ao Programa de Mestrado e Doutorado em Memória, Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia -, pude observar que esses manuais didáticos, ao longo da história da educação, estão sempre sendo alvo de crítica por estudiosos que buscam apresentar suas teorias em um “novo” livro, pois como dizia Ribeiro (s.d, p. 3 *apud* Trindade, 2001, p 312), “[...] certos livros escolares não podem suportar uma longa existência; eles têm uma duração limitada pela ciência pedagógica que todos os dias progride e apodera-se de novos processos”.

Com este argumento, Hilário Ribeiro, professor gaúcho, formado pela Escola Normal de São Paulo, nos anos de 1880, justifica a construção e divulgação da sua Cartilha Nacional a qual deveria substituir, nas escolas brasileiras, as cartilhas portuguesas adotadas desde o período colonial, dentre as quais destacamos: (1) a *Cartinha com Preceitos e Mandamentos da Santa Madre Igreja*, de autoria de João de Barros e publicada em 1539; (2) as *Cartas do ABC*, material didático muito utilizado pelos professores alfabetizadores do século XVII os quais eram elaborados pelos próprios mestres diante da escassez das cartilhas portuguesas naquele período; (3) o *Método Português de Antonio Feliciano Castilho*, publicado a partir de 1830 e (4) a *Cartilha Maternal ou Arte da Leitura de João de Deus*, publicada no século XIX.

As três primeiras cartilhas baseavam-se no método sintético. Embora seguisse o mesmo percurso metodológico das cartilhas anteriores, a Cartilha Maternal, divulgada no Brasil, em 1870, adotando o método analítico, buscava romper com os métodos de marcha sintética até então difundidos nas províncias.

Tendo como base suas próprias aulas no Liceu de Artes e Ofícios, na província

¹ Mestra em Educação pela Universidade Federal da Bahia). Atualmente é professora assistente da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em alfabetização, leitura e ensino de aprendizagem de língua materna. Endereço eletrônico: zeneide.paiva@gmail.com



do Rio de Janeiro, onde conseguiu um excelente índice de aprovação dos alunos, o que agradou as autoridades da época, Hilário Ribeiro, autor da *Cartilha Nacional*, segundo nos informa Trindade (2001), recebeu incentivos para publicação de um livro que retratasse esse seu método de ensino e, foi desse modo que tivemos a primeira cartilha produzida por um brasileiro.

Tomando-a como primeira publicação brasileira a ser adotada nas escolas brasileiras, com a meta de suplantando as cartilhas portuguesas utilizadas, desde o período da colonização e, ainda, acompanhar o avanço científico dos processos de ensino, o objetivo deste estudo é destacar algumas estruturas linguísticas da *Cartilha Nacional* e compará-las com estruturas apresentadas nas cartilhas portuguesas, acima elencadas, e adotadas antes da sua editoração, verificando se o seu autor apresenta novos processos para o ensino da leitura e da escrita, na sua nova cartilha.

METODOLOGIA

Para este estudo, foi utilizada uma pesquisa documental, considerando ser a cartilha um documento histórico que preserva a memória dos conteúdos e métodos de alfabetização de um determinado período. Partimos da premissa de que esse encaminhamento metodológico nos proporciona, conforme assegura Oliveira (2007, p. 69) “[...] o contato direto com obras, artigos ou documentos que tratem do tema em estudo”. Assim, tomamos, como eixo direcionador, os estudos sobre as ideias pedagógicas e princípios educativos norteadores da história da educação brasileira divulgados por Saviani (2001) e Castanho (s/d) e das obras de Mortati (2000); Trindade (2001); Frade (2005, 2007); Maciel (2000, 2003); Monarcha (1994), Cagliari (1998), para os princípios pedagógicos e materiais didáticos que subsidiaram as práticas educativas que antecederam a divulgação da *Cartilha Nacional*, nosso objeto de estudo.

Dessas leituras, mapeamos algumas cartilhas utilizadas entre os séculos XVI a XIX, dos quais selecionamos quatro, para destacarmos algumas estruturas linguísticas a serem comparadas com as da *Cartilha Nacional*, objetivando analisá-las e verificar se o manual elaborado pelo professor brasileiro, Hilário Ribeiro, traz rupturas e/ou permanências em relação ao que se propunham os autores das cartilhas portuguesas tomadas para análise.



RESULTADOS E DISCUSSÕES

Hilário Ribeiro, defendendo o princípio de *uma duração limitada pela sciencia pedagógica*, busca combater o método da soletração em defesa da simultaneidade do ensino da leitura e da escrita. Esse combate já estava presente na *Cartinha de João de Barros*, o primeiro manual impresso para o ensino da leitura e da escrita, na época dos jesuítas, a qual já se apresentava favorável ao estudo simultâneo de todas as letras do alfabeto. Em 1830, o *Methodo* de Castilho, reitera essa defesa que é mais tarde acentuada com a publicação da *Cartilha Maternal*.

Apoderando-se de novos processos pedagógicos e da progressão da “sciencia pedagógica”, Hilário Ribeiro adotou, na *Cartilha Nacional*, o método sintético o qual preconizava o ensino das partes para o todo, agregando-se o valor fônico de cada letra. Esse mesmo método também foi utilizado por Castilho, para quem as *vogais* foram dadas como “vozes” e as consoantes como “inflexões”, classificadas em guturais, linguais, línguo-palatais, línguo-dentais, dento-labiais e labiais.

Para João de Deus, o ensino da leitura dependia do estudo da “fala”, ou seja, da análise fonética das letras que compunham o alfabeto. Em João de Barros, esses valores fônicos não eram levados em conta. Tendo como objetivo maior a leitura dos textos de doutrinação, na língua portuguesa, trazia logo no início, o alfabeto, dividindo-o em vogais e consoantes.

Essa bipartição vogais/consoantes vai aparecer em todas as cartilhas aqui estudadas. Nelas, primeiro aprendia-se as vogais; a junção dessas vogais em sílabas ditongadas e, por fim as consoantes.

Na *Cartilha Nacional*, a primeira consoante dada era o **V**, com a qual se constituía a família silábica do **Va-ve-vi-vo-vu**. Estas sílabas eram grafadas na cor vermelha em palavras como “ouvi, uivava”. Esse destaque da cor permitiria uma leitura silabada e também uma fácil memorização (Magalhães, 2003). João de Deus já se utilizava dos tons cinza e preto, com essa mesma finalidade, na sua *Cartilha Maternal*.

Seguindo os passos do método sintético, também utilizados nos manuais de autoria dos portugueses João de Barros, Antonio Castilho e João de Deus, constatamos que o brasileiro Hilário Ribeiro, também inicia o ensino da leitura e da escrita pelas vogais, seguindo-se das sílabas, palavras, sentença e, por fim o texto. Para essa configuração de texto são escritas frases associadas a uma dada consoante, o que nos remete de imediato ao Método Castilho. Observemos:



Cartilha Nacional	Método Castilho
D d	F
Dá-me a penna	As três comadres
Dona Julia chegou	Florença, Francisca, Eufrasia,
Tu não terás licença	Todas de fraldas de folhos,
Dormiu todo o dia	Foram fazer uma festa
Dá-lhe uma esmola	De filhós, bife e repolhos [...]
Fonte: Nascimento, s/d p.2	Fonte: Castilho, 1853, p. 219

Do mesmo modo, ao nos depararmos com expressões tais como: “Dá-lhe uma esmola”, frase alusiva à letra **D**, “O Brasil é minha pátria” e “Estuda bem as lições”, sentenças que correspondem a outras letras, lembramos, de imediato, as máximas morais das *Cartas do ABC*, que traziam conteúdos vinculados à profecia da fé a ser disseminada pela escolarização, como as seguintes: “O amor de Deus é o princípio da sabedoria; Sem religião e sem justiça não há liberdade; A religião tem por pedestal a humanidade; A preguiça é a chave da pobreza”, bastante sinalizadas no depoimento de Graciliano Ramos quando, no livro *Infância* (1953, p. 36), diz que:

A preguiça é a chave da pobreza, afirmava-se ali. Que espécie de chave seria aquela? Aos seis anos, eu e meus companheiros de infelicidade escolar, quase todos pobres, não conhecíamos a pobreza pelo nome e tínhamos poucas chaves, de gaveta, de armários e de portas. Chave de pobreza para uma criança de seis anos é terrível.

Esses mesmos preceitos embasaram as recomendações “aos meninos”, feitas por Castilho (1853, p. 259): “Meus bons meninos, lembrai-vos de que Deus vos deu olhos, ouvidos, memória, e entendimento, para alguma coisa foi, e foi para vos fazerdes felizes”. Também nos possibilita lembrar o culto à religiosidade e a meta da evangelização que se encontrava expressamente difundidos nos textos lidos na *Cartinha* de João de Barros, utilizada nas escolas jesuítas.

CONCLUSÃO



Esses exemplos comparativos utilizados, no decorrer deste estudo possibilitaram constatar que a *Cartilha Nacional*, organizada pelo professor gaúcho, nos anos de 1880, buscava suplantar a adoção dos livros portugueses em circulação nas escolas brasileiras, para o ensino da leitura e da escrita. E isto foi possível em termos de difusão do livro didático a ser utilizado nas escolas, porém, pelo que analisamos, seu conteúdo de ensino resgata basicamente as mesmas estruturas linguísticas e procedimentos metodológicos difundidos nas cartilhas que vinham da corte portuguesa para a colônia.

Considerando as dificuldades de remessas constantes dos livros de Portugal para o Brasil e as possibilidades de elaboração e editoração de livros em território brasileiro, a *Cartilha Nacional* foi bastante difundida nas escolas brasileiras, permanecendo no mercado editorial até o meado do século XX, pois, em decorrência do progresso da ciência pedagógica, preconizado pelo próprio (Ribeiro s.d, p. 3 *apud* Trindade, p 312) de que “[...] certos livros escolares não podem suportar uma longa existência; eles têm uma duração limitada pela ciência pedagógica que todos os dias progride e apodera-se de novos processos”, foram surgindo no mercado editorial e, conseqüentemente, no cenário educativo, outras cartilhas brasileiras que nortearam as práticas de ensino da leitura e da escrita em nossas escolas.

Palavras-chave: Cartilha Nacional. Leitura. Alfabetização.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Gabriel Antunes de. Apresentação. In: BARROS, João de. **Cartinha com os preceitos e mandamentos da Santa Madre Igreja: 1539** ou gramática da língua portuguesa. São Paulo: Humanitas/Pulistana, 2008.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu**. São Paulo: Scipione, 1998.

CASTANHO, Sérgio e CASTANHO, Maria Eugênia. **Introdução a uma história da Didática no Brasil**. Texto xerografado disponibilizado em aula no 2º semestre de 2013

CASTILHO, António Feliciano de. **Metodo Castilho para o ensino rápido e aprasivel do ler impresso, manuscrito, e numeração e do escrever**. 2. Ed. Lisboa: Impr.



Nacional, 1853. Disponível em: © Biblioteca Nacional Digital - ContentE v.4.1 - 2013-03-28T16:30:44<http://purl.pt/185/5/P190.html>]

DEUS, João de. **Cartilha Maternal ou Arte de Leitura**. Publicada por Candido J. A. de Madureira, Abade de Arcozello. 3ª edição. Lisboa: Imprensa Nacional, 1878. Disponível em: Biblioteca Nacional de Portugal; <http://purl.pt/145>

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. **Métodos de alfabetização, métodos de ensino e conteúdos da alfabetização**: perspectivas históricas e desafios atuais. Santa Maria, v. 32 – n. 01, p. 21-40, 2007 educação. Disponível em: <http://periodicos.ufsm.br/reveducao/article/viewFile/658/469>

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. **Métodos e didáticas de alfabetização**: história, características e modos de fazer de professores: caderno do professor. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

MACIEL, Francisca – **Alfabetização em Minas Gerais – adesão e resistência ao método Global – Lições de minas. 70 anos da Secretaria de Educação** – Belo Horizonte: Governo de Minas Gerais/ Secretaria de Educação, 2000.

MACIEL, Francisca. I. P. História da alfabetização: perspectivas de análise. In: VEIGA, Cynthia G.; FONSECA, Thais N. (Orgs.). **História e Historiografia da Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 227-252.

MAGALHÃES, Justino. **A Cartilha Maternal ou Arte de Ler de João de Deus (1876)**: invenções tipográficas e alfabetização popular em Portugal. 2013. Publicado em:<http://hdl.handle.net/10451/18113>

Método ABC, Caderbrás, Industria Brasileira, s/d.

MONARCHA, Carlos. **Escola Normal da praça**: o lado noturno das luzes. São Paulo: PUC, 1994. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação: História e Filosofia da Educação, 1994.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Os sentidos da alfabetização**: (São Paulo/1876-1994). São Paulo: Editora UNESP, 2000.

NASCIMENTO, Maria Isabel Moura; COLLARES, Solange Aparecida de O. **Cartilha Nacional**. http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/verb_c_cartilhas.htm

OLIVEIRA, Maria Marli de. **Como fazer uma pesquisa qualitativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.



XII COLÓQUIO NACIONAL E V COLÓQUIO INTERNACIONAL DO MUSEU PEDAGÓGICO



26 A 29 DE SETEMBRO DE 2017

ISSN: 2175-5493

RAMOS, Graciliano. **Infância**. 21ª edição, Rio de Janeiro: Record, 1985.

SAVIANI, Dermeval. **Histórias das Ideias Pedagógicas no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

TRINDADE, Iole Maria Favero. **A Invenção de uma nova ordem para as cartilhas: ser maternal, nacional ou mestra**. Queres ler? Tese de doutorado. UFRG do Sul. Porto Alegre, 2001.